



As mediações no estudo de recepção da telenovela: caminhos teóricos para a pesquisa empírica¹

Laura WOTTRICH²

Lírian SIFUENTES³

Renata Córdova da SILVA⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Este trabalho problematiza as mediações de gênero, geração e classe social no universo da pesquisa de recepção da telenovela. A Teoria das Mediações de Jesús Martín-Barbero é tomada como base, pois considera que a comunicação deve ser pensada a partir da cultura. As mediações são investigadas teoricamente por meio de revisão bibliográfica e ilustradas através de três pesquisas de recepção, realizadas com jovens rurais, mulheres chefes de família e idosos. A metodologia combina a entrevista em profundidade e a observação participante. Os resultados apontam para a consideração do gênero, classe social e geração como dimensões fundamentais da dinâmica social, as quais devem ser consideradas nos estudos de recepção. O estudo minucioso das mesmas permite realizar articulações que ampliam o entendimento do contexto através do qual a apropriação da telenovela adquire sentido no cotidiano dos receptores.

Palavras-chave: recepção de telenovela; gênero; classe social; geração.

1. Considerações iniciais

Este texto parte do interesse em refletir sobre o estudo das mediações de gênero, geração e classe social na pesquisa de recepção da telenovela, trazendo o cruzamento de três trabalhos empíricos de recepção em que as referidas mediações foram focadas. Teorizados individualmente e considerados em conjunto, dimensões como a geração, o gênero e a posição social tornam-se importantes aspectos para a compreensão da recepção midiática, visto que pensam o público inserido em seu contexto social. Britto da Motta (1999, p.193) as considera enquanto categorias relacionais e da experiência, visto que, inseridas no cotidiano, “Expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias. Provisórias, porque na dialética da vida os lugares sociais se alternam, as situações sociais desestruturam-se e reconstróem-se em outros

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, email: lwottrich@gmail.com.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS, email: lisifuentes@yahoo.com.br.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, email: rr_cordova@yahoo.com.br.



moldes”. São analiticamente valiosas para compreender as relações sociais e, em nosso caso, o contexto através do qual a recepção adquire sentido.

Tomamos a Teoria das Mediações de Martín-Barbero como ponto de partida teórico-metodológico, pois concordamos que a comunicação deve ser pensada a partir da cultura. Refletindo desse modo, Martín-Barbero (1987) desloca o estudo dos meios em si para concentrar-se no entorno, nos artefatos, ou seja, nas mediações. As mediações configuram-se em articulações entre matrizes culturais distintas, e podem ser os meios, os sujeitos, os gêneros (televisivos) e os espaços (cotidiano familiar, trabalho, escola a partir dos quais a apropriação dos receptores, em relação aos produtos midiático, adquire sentido.

Na década de 1980, os estudos de recepção emergem na América Latina como uma nova forma de pesquisar a cultura de massas, alternativa aos estudos funcionalistas, semióticos e frankfurtianos, então predominantes (LOPES, 1999). Com os estudiosos da Escola de Frankfurt, maiores representantes de uma forma de pensar a mídia como manipuladora e alienante, perguntava-se “o que os meios fazem conosco?”, considerando o público uma massa de indefesos e alienados. Reformulando o questionamento frankfurtiano, Orozco prefere questionar “Como se realiza a interação entre televisão e audiência?” (OROZCO, 1991, p. 53). O foco, nessa corrente, é então deslocado para os receptores ou, de acordo com Martín-Barbero (1987), passa dos meios às mediações.

Nos estudos de recepção, a comunicação de massa é vista como integrada às demais práticas da vida diária e o interesse maior está nas relações entre textos, grupos sociais e contextos (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005). Desse modo, a recepção é considerada um processo, no qual interagem receptor/ mediações/ televisão.

Programa de audiência compartilhada por milhões de brasileiros cotidianamente, a telenovela tornou-se também um importante objeto de investigação. Para Martín-Barbero, o gênero é definido como o “Relato de uma ‘modernidade tardia’, a telenovela mistura a sagacidade do mercado – no momento de contar histórias que envolvem as maiorias – com a persistência de sua matriz popular, ativadora de competências culturais inerentes a ela” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 15).

Os pesquisadores latino-americanos reconheceram a representatividade do gênero e a conseqüente necessidade de investigações sobre a área, que teve início no Brasil na década de 1970. Para Lopes, essas “histórias narradas pela televisão são, antes de tudo, importantes por seu significado cultural. Como bem o demonstra o filão de estudos



internacionais, a ficção televisiva configura e oferece material precioso para entender a cultura e a sociedade de que é expressão” (LOPES, 2004, p. 125).

Na década de 1990, foram realizadas 26 pesquisas acadêmicas sobre a telenovela, sendo que 10 detiveram-se no estudo da recepção (JACKS, MENESES, PIEDRAS, 2008). Esses trabalhos privilegiaram a perspectiva sócio-cultural, na qual os receptores são considerados enquanto produtores de sentido. Características como sexo, grupo social, idade, personalidade, caráter e valores, como também a influência da família, escola, religião, empresa e partidos políticos foram consideradas mediações, ainda que alguns trabalhos não utilizem tal conceituação. Por outro viés, não observamos menções diretas à articulação das mediações de classe social, gênero e geração nos estudos de recepção realizados.

Construir um aporte metodológico que dê conta do processo de recepção da telenovela sem reduzi-lo à constatação da atividade ou passividade dos receptores em relação aos meios (ou à simples descrição dos modos de apropriação, sem relacioná-la com o contexto social) tem se tornado uma exigência para o desenvolvimento dos estudos do campo. Autores como Jacks, Meneses e Piedras (2008) e Escosteguy e Jacks (2005), ao retomar as pesquisas realizadas durante a década de 1990, alertam que sua vulnerabilidade metodológica torna-se um dos principais entraves na constituição de estudos que realmente contribuam para o entendimento das relações entre mídia e receptores. Na perspectiva de contribuir para a discussão e refinar a pesquisa empírica, tecemos algumas considerações teóricas sobre as mediações de geração, classe social e gênero, para então problematizá-las através de três estudos de recepção.

2. Apontamentos sobre o estudo das mediações gênero, classe social e geração na pesquisa de audiência

No tocante às relações de gênero, na América Latina as pesquisas sobre mulheres e meios de comunicação iniciaram no final da década de 1960, porém somente nos anos de 1980 as investigações passaram a centrar-se no receptor (CHARLES, 1996). Coincidentemente é nessa mesma década que o uso da categoria gênero torna-se mais presente nos estudos feministas (BARBIERI, 2008, p. 29).

A abordagem de gênero demarcou as simbolizações que a sociedade produz garantindo às análises feministas, o não-determinismo da anatomia na definição de posições e papéis para as mulheres e para os homens. Fica assim iluminada a construção da desigualdade entre os sexos, sendo esse conhecimento,



contemporaneamente, ancorado na compreensão do gênero como categoria de análise. (PEREIRA, 2004, p. 176-177).

Apesar das pesquisas de recepção na América Latina terem forte influência dos estudos culturais britânicos, que a partir dos anos 1970 se aproximam do feminismo e dos debates em torno das questões de gênero, não há uma problematização do universo feminino (mesmo que a mulher seja a principal informante) nas pesquisas. Muitas vezes, os estudos de recepção utilizam a categoria gênero somente para indicar a distinção entre os sexos feminino e masculino (ESCOSTEGUY, 2001).

Seguindo Charles (1996), Escosteguy (2001; 2002) e Natansohn (2002), o que propomos neste trabalho é que a categoria gênero seja articulada às categorias de classe e geração como mediações importantes no processo de recepção da telenovela e assim possam estruturar a investigação de modo a problematizar a condição feminina. Entende-se que a relação entre a telenovela e o cotidiano das mulheres deve ser pensada levando-se em conta as negociações de poder que acontecem constantemente dentro das famílias e só se constrói um olhar mais aprofundado a esse respeito problematizando as relações de gênero de modo que se possa elucidar: a) como o consumo da telenovela pode gerar ao mesmo tempo um reforço das formas patriarcais⁵ do poder familiar e espaços de lazer como forma de resistência; b) as conexões entre vida privada e vida pública; c) o universo cultural das entrevistadas e os usos que elas fazem dos conteúdos midiáticos na sua vida cotidiana.

De outro modo, a valorização da classe social como um elemento definitivo na experiência cultural (em consonância com a influência marxista dos estudos culturais) é uma noção que acompanha os estudos do campo desde o início. Há, no entanto, uma preocupação em não usar a classe de forma reducionista. Sobre a “relatividade” da classe social, Escosteguy afirma que é fundamental “compreender a cultura na sua ‘autonomia relativa’, isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem reflexo, mas tem influência e sofre conseqüências das relações político-econômicas” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 60).

Para Martín-Barbero, “a recepção é parte tanto de processos subjetivos quanto objetivos, de processos *micro*, controlados pelo sujeito, e *macro*, relativos a estruturas sociais e relações de poder que fogem ao seu controle” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.

⁵ “O poder patriarcal se expressa diretamente na ordenação legislativa que justifica a desigualdade. Este poder que resiste durante séculos produz saber e transforma-se numa ação normalizadora sutil do poder. Os papéis sexuais, tanto masculinos como femininos, são produtos na configuração do poder, são lugares ocupados em uma situação estratégica complexa, que dotam o masculino de um maior exercício de poder que a mulher.” (COLLING, 2004, p. 21).



14). É considerando esta necessária relação entre o micro e o macro que o próprio Martín-Barbero teoriza mediações como a cotidianidade familiar, que foca a pesquisa na família, na escola, no bairro, ou seja, nas relações interpessoais, e a competência cultural, que tem na classe social um fundamento. Apesar de desempenharmos múltiplos papéis em nosso dia a dia – definidos pelo gênero, idade, profissão, etnia, religião, etc –, todos eles estão atravessados pela classe social a que pertencemos, constituinte fundamental de nossas identidades.

A situação de classe é um aspecto fundamental de significação. Ronsini (2007) justifica o emprego do conceito de classe social em sua pesquisa afirmando que no plano empírico a classe permanece um princípio organizador da sociedade capitalista, da mesma forma que pauta diferenças profissionais, de renda, de educação, o acesso aos bens culturais e aos centros de poder. A autora ainda afirma que o uso do conceito parece ser ainda mais adequado em uma sociedade desigual e excludente como a brasileira. Ronsini, contudo, realiza uma distinção do modo como insere a classe social em suas observações e o sentido tradicional marxista: “As análises hodiernas não se encaixam na teoria das classes como uma teoria da luta entre duas classes antagônicas pelo monopólio dos meios de produção, pois admitimos que os conflitos não são pelo controle dos mesmos mas pela inclusão dentro do capitalismo” (RONSINI, 2007, p. 48).

Mattos (2006) destaca a relevância da dimensão sociocultural da classe social, e não só do aspecto econômico, que normalmente é ressaltado através de variáveis como renda e escolaridade. É desta forma complexa que o uso da classe social nos estudos culturais parece mais coerente.

Sobre a geração, vemos que se trata de um conceito pouco explorado nos estudos de recepção de veio latino-americano, especialmente quando pensamos em pesquisas brasileiras. Para além da constatação de uma ausência, acreditamos esse fato aponta para uma característica fundamental, inerente a própria forma de se pensar a geração: a dificuldade de defini-la e, assim, torná-la exequível em estudos empíricos de recepção

Se pensarmos no fazer cotidiano do campo, essas questões tornam-se mais evidentes. Como, afinal, pensar a geração? Seria através de uma perspectiva cronológica? A partir estudos que abarquem as sucessões geracionais relacionadas a núcleos familiares, como mães, avós e filhos? Ou por um entendimento mais amplo da “experiência coletiva” de indivíduos que nasceram e vivenciaram períodos históricos



comuns (como se costuma falar da “geração de 1968”, “geração pós-guerra” ou, para citar um exemplo mais recente, a “geração Y”)?

Para traçar algumas respostas, é necessário inicialmente pontuar o que podemos entender por geração. A relação imediata é associar o termo a categorias de idade ou a divisões cronológicas (seria o caso da juventude ou da terceira idade, por exemplo). De fato, por mais que a inscrição biológica seja uma característica fundamental, ela por si só não consegue abarcar o conceito. Brito da Motta elucidada esse ponto ao comentar que o tempo dos indivíduos é demarcado biologicamente, mas sobretudo inscrito social e culturalmente:

O “biológico” idade, referente ao tempo “natural”, não é também de inscrição tão subjetiva nos indivíduos e nos grupos, no seu desconstruir-se reconstruir-se anual, ao sabor das representações culturais de cada grupo? (Por exemplo, ainda é muito mais simples um homem aceitar – ou ter aceitos – os seus 60 anos de idade, que uma mulher. O que haveria de biológico nessas diferenças de atitudes?). (BRITO DA MOTTA, 1999, p. 205-206).

Essa perspectiva é também abordada por Debert (1999; 2006), ao mencionar que a geração ultrapassa as categorias de idade:

As pesquisas sobre grupos de idade mostram que a geração, mais do que a idade cronológica, é a forma privilegiada de os atores darem conta de suas experiências extrafamiliares, como também indicam que mudanças na experiência coletiva de determinados grupos não são apenas causadas por mudanças sociais de ordem estrutural, mas que esses grupos são extremamente ativos no direcionamento das mudanças de comportamento, na produção de uma memória coletiva e na construção de uma *tradição*. *Ou seja, apesar das várias conotações que o conceito de geração assume, ele tem uma efetividade que ultrapassa o nível de relações na família, direcionando transformações que a esfera da política tem de incorporar* (DEBERT, 2006, p. 60, grifo nosso).

Essa questão é abordada de forma mais específica por Domingues (2002). O autor, em consonância com Debert, observa a dinâmica geracional em uma perspectiva mais ampla e elenca três variáveis analíticas para sua conceituação. A primeira são as famílias e as relações de parentesco; a segunda, as coortes, “grupos de pessoas nascidas em momentos próximos e que atravessam estágios sucessivos ao mesmo tempo” (DOMINGUES, 2002, p.75), que são definidas por sua idade biológica, cronológica e estágio de maturidade. A terceira, por fim, faz menção à experiência de vida dos indivíduos e coletividades, para a qual contribuem diversas dimensões dos sistemas sociais (como classe social, relações de gênero e etnia).

Assim, a articulação entre as relações familiares e de parentesco (indivíduos inscritos em núcleos enquanto mães, filhos, pais, avós, com papéis e obrigações



específicas), as dinâmicas específicas das coortes e as suas interações com situações de classe social e posição de gênero nos ajudam a compreender de maneira mais completa as formas como os receptores dotam de sentido o que apreendem dos meios de comunicação.

Como veremos nos estudos de recepção que seguem, é difícil dar-se conta de forma ampla da dinâmica geracional, muito devido à amplitude da conceituação. No entanto, embasados na teoria, podemos refutar concepções que se alicerçam somente na classificação etária, posição familiar ou vivências comuns, assim como evidenciar a inter-relação da geração com outras mediações (classe social, etnia, gênero), essencial para uma melhor compreensão do contexto dos receptores.

3. O papel das mediações culturais e da telenovela na conformação identitária

3.1. Jovens rurais e as representações do campo e da cidade

O estudo intitulado “Juventude camponesa e televisão: Um estudo sobre as representações do campo e da cidade” teve como objetivo central investigar o contraste entre a experiência pessoal, marcada pelo cotidiano rural, e a valorização social do urbano, presenciada na escola ou observada através da televisão. A pesquisa desenvolveu-se entre julho e dezembro de 2007, tendo como amostra qualitativa dez jovens com idade entre 15 e 17 anos, sendo seis meninas, e quatro, meninos. Todos residiam no distrito de Arroio Grande, localizado na zona rural do município de Santa Maria-RS. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas para um conhecimento aprofundado sobre família, escola, amigos, valores, consumo de mídia e apropriações que os jovens fazem da televisão, e mais, especificamente, da telenovela.

Em parte por causa da necessária dedicação ao trabalho, os jovens rurais possuem uma vida social pouco ativa. O dia-a-dia dos jovens rurais que estudam costuma ser assim constituído: acordam cedo para ir à escola (entre 5h e 6h se estudam na cidade), passam a manhã na escola, realizam atividades em casa ou na lavoura à tarde e à noite fazem tarefas da escola e assistem televisão. Não possuindo muitas opções de entretenimento, o descanso dos jovens após as atividades de casa, da lavoura e da escola é ocupado pela televisão. Além da falta de outras opções, a TV também se torna a melhor alternativa porque, após acordarem cedo e terem ocupação o dia todo, os jovens chegam ao fim do dia cansados. A leitura de livros, de revistas ou jornais não faz parte



do dia-a-dia deles, pois todos demonstram que não lêem ou lêem pouco. A internet ainda é exceção, visto que apenas dois possuem acesso à web em casa e, mesmo esses, usam-na pouco.

Acerca da recepção dos produtos televisivos e as representações do campo e da cidade, os entrevistados avaliam que o meio rural não costuma ser retratado nas telenovelas. A maioria das novelas citadas pelos adolescentes já foi ao ar há três anos ou mais, como *Cabocla* (2004) e *América* (2005), sendo que a última teve uma primeira versão exibida na década de 1970. A mais popular novela rural, *O Rei do Gado* (1996), foi ao ar na década passada, quando eles sequer haviam completado dez anos. Quando as telenovelas se ambientam no meio rural, segundo a maior parte dos entrevistados, carecem de verossimilhança.

A tradicional imagem do camponês quase analfabeto, esperando um momento para casar e tornando-se pai muito cedo pouco representa a realidade do jovem atual. Alguns entrevistados deixam clara sua insatisfação com a representação que as pessoas fazem dos camponeses. No entanto, concordam com a imagem transmitida pela TV, pois consideram que as principais diferenças entre as pessoas do campo e da cidade coincidem na telenovela e na realidade: no campo, as pessoas são humildes, calmas, ingênuas e tímidas; na cidade, são arrogantes, egoístas, espertas e extrovertidas.

Estimulados a tentarem a vida na cidade, hoje os jovens se dedicam mais aos estudos do que a geração de seus pais, e acreditam que o estudo poderá livrá-los do trabalho pesado e “ser alguém na vida”. É expressivo o incentivo dos pais agricultores para que seus filhos mudem-se para que não continuem o trabalho na agricultura.

Na educação, existe uma significativa diferença de gênero, visto que as meninas costumam ir mais longe nos estudos do que os garotos. Para Spanevello (2003), os rapazes possuem oportunidades mais limitadas de estudo em comparação às moças porque têm mais obrigações na lavoura. Há ainda a preferência por eles na sucessão dos pais como chefes da propriedade rural. Por sua vez, entre as meninas, a ajuda costuma ser restrita aos trabalhos domésticos, o que torna mais fácil conciliar os estudos com as atividades diárias em casa. Uma consequência disso é que, entre elas, ocorre o maior êxodo do campo. A motivação para estudar e para migrar para a cidade se deve, em parte, pela pouca valorização das mulheres nos trabalhos na lavoura e nas comunidades agrícolas.

Entre o atraso do meio rural e a modernidade das cidades, representações apresentadas nas telenovelas, os jovens preferem se encaixar na segunda. As tramas



rurais não os representam. Igualmente, a vida urbana apresentada nas telenovelas também está distante de suas realidades. Todavia, *Malhação* é a exceção. Embora a *soap opera* privilegie o moderno e exiba personagens urbanas de classe média e média alta, os adolescentes identificam-se com a temática juvenil e com o ambiente escolar. Cabe aqui questionar se o que os entrevistados vêem em *Malhação* é de fato uma representação da sua juventude ou o desejo de ser jovem.

Entre os jovens entrevistados, pode-se considerar que não se nega e tampouco se expressa uma resistência ao modelo de juventude urbana apresentado na televisão. Eles buscam, de alguma forma, inserir-se no modelo. Na escola, gostam de confundir-se com os amigos urbanos e sentem-se satisfeitos ao dizerem que os colegas não sabem que eles são camponeses. Para Hall, “as identidades não são relacionadas tanto com o ‘retorno às raízes’”, que, para os jovens rurais tornaria preponderante a identidade camponesa, “mas sim com uma negociação com nossa ‘rotas’” (HALL, 2000, p. 109), que constrói continuamente a identidade desses jovens, relacionando as vivências rurais e urbanas.

3.2. Mães chefes de família e as representações da mulher

Os dados referentes à pesquisa “A telenovela através do olhar de mulheres chefes de família” foram coletados entre novembro de 2007 e maio de 2008. A problemática do trabalho buscou compreender se as mulheres chefes de família se sentiam representadas nas telenovelas. Para isso, houve um acompanhamento do cotidiano das entrevistadas, além de descrição e análise do consumo de mídia.

O recorte da pesquisa apresentado aqui se refere a um estudo de caso com seis mulheres chefes de família de classe popular⁶ residentes na cidade de Santa Maria-RS. Fizeram parte da amostra: Solange⁷, 33 anos, garçonete, mãe de dois filhos e divorciada; Lúcia, 34 anos, catadora de material reciclável, mãe de quatro filhos e casada; Fátima, 37 anos, caixa de supermercado, mãe de dois filhos e casada; Cristina, 41 anos, atendente em uma loja, mãe de três filhos e divorciada; Elza, 48 anos, empregada doméstica, mãe de quatro filhos e viúva; e Vilma, 55 anos, costureira, mãe de quatro filhos e viúva.

⁶ As mulheres escolhidas foram classificadas pela classe social de acordo com a metodologia de Antunes e Quadros (2001), que consideram como quesito de classificação o indivíduo de maior renda que contribui para o sustento da família. Assim, é possível classificar o indivíduo em determinada classe social através da profissão que exerce.

⁷ Os nomes das entrevistadas foram trocados por nomes que elas mesmas escolheram.



A técnica de coleta de dados escolhida foi a entrevista semiestruturada, que continha perguntas sobre o relacionamento familiar, a rotina de trabalho, a renda familiar, as opções de lazer, o consumo cultural, as telenovelas e ainda questões relacionadas a como as entrevistadas enxergam a mulher no mundo de hoje. Todas as entrevistas foram realizadas nas casas das entrevistadas. Para as entrevistas, era levado um caderno de campo, o qual serviu para anotações a respeito da casa (distribuição das peças e de objetos e que lugar a televisão ocupa) e hábitos (rotina familiar e atividades dos membros da família, tais como estudar, cozinhar e ver televisão) das entrevistadas.

O objetivo do plano elaborado para as entrevistas era descobrir de que forma a classe, o consumo cultural, a convivência familiar, a relação com o trabalho que desempenham e o fato de serem mulheres influenciam na apropriação dos conteúdos dos meios de comunicação e assim verificar a identificação ou não das entrevistadas com as personagens das telenovelas que elas assistiam.

A análise revelou que apesar das entrevistadas não considerarem que seus modelos familiares sejam representados nas telenovelas, há uma identificação dessas mulheres com certas personagens que são consideradas fortes e batalhadoras. Observou-se também que as entrevistadas assimilam a ideologia dominante que aprisiona as mulheres em papéis construídos socialmente, abdicando de projetos pessoais em prol dos filhos. Todas as entrevistadas relataram terem recebido uma educação sexista e todas consideram que as telenovelas retratam a mulher com base em valores patriarcais, contudo essa percepção não faz com que elas não reproduzam esse discurso em suas famílias, já que as entrevistadas também dão aos seus filhos uma educação sexista. Constatou-se na pesquisa, o que Mattos explicita a seguir:

As mulheres não parecem ter descoberto uma forma expressiva de vivenciar sua condição, colocando em xeque os pontos centrais da dominação, mas sim, parecem ter tomado o modelo masculino como o modelo a ser seguido. Desta maneira, não se toca na estrutura da dominação, mas se luta para deixar de ser o pólo dominado para passar a ser o pólo dominante (MATTOS, 2006, p. 158).

3.3. Homens e mulheres idosas e as representações da velhice

Com a pesquisa “A telenovela no cotidiano de idosos: um estudo de recepção sobre as representações da velhice”, realizada entre julho e dezembro de 2008, buscamos investigar como idosos de classe popular e alta (Cf QUADROS e ANTUNES, 2001) apropriam-se das representações da velhice veiculadas pela telenovela. A partir dos lugares de mediação propostos por Martín-Barbero, elegemos as



mediações da família, consumo de produtos midiáticos, geração e classe social para a análise das apropriações das representações da velhice veiculadas principalmente por “A Favorita”⁸.

Realizamos um estudo de caso com seis idosos⁹ de Santa Maria-RS: três idosos de classe alta – Álvaro, 78 anos, professor estadual, advogado e procurador dos correios aposentado, casado; Marisa, 75 anos, dona-de-casa, viúva e Rafael, 79 anos, advogado aposentado, viúvo–; e três idosos de classe popular: Augusto, 63 anos, vigia aposentado, solteira; Célia, 63 anos, dona-de-casa, viúva; e João, 62 anos, torneiro mecânico aposentado, casado. Metodologicamente, o estudo baseou-se em observação indireta, realizada através de pesquisa exploratória, entrevista semiestruturada junto aos receptores e observação direta, acompanhados pelos registros e anotações no diário de campo no período de seis meses.

A descrição e análise dos dados revelaram que tanto os idosos de classe popular quanto os pertencentes à classe alta percebem a velhice enquanto experiência estigmatizada. Contudo, vale ressaltar que esta percepção não é no sentido de dar-se conta da construção social da velhice como estigma, mas sim de observar a existência de uma velhice estigmatizada no plano das experiências.

Para Álvaro, Marisa e Rafael, a experiência estigmatizada da velhice é mais distante de sua realidade cotidiana. Isto se deve, em muito, a sua melhor condição financeira, pela qual conseguem viver uma velhice mais positiva. Não é o que ocorre com os idosos de classe popular: sua condição de classe não os permite afastar o estigma da velhice: em seus relatos tornam-se recorrentes as menções às perdas da idade, à decrepitude física e à dificuldade de relacionamento com outras gerações.

Estas concepções são permeadas pela visão contemporânea na qual a juventude emerge como valor a ser cultivado e as etapas da vida não são mais regidas, principalmente no plano da experiência, por uma delimitação cronológica estanque, rígida. A velhice torna-se, nesse sentido, uma questão de escolha, de adoção de estilos de vida e valores (DEBERT, 2001). Percebemos que ambas as classes endossam esta posição.

⁸ A pesquisa teve por foco a telenovela do Horário Nobre exibida pela Rede Globo na época, “A Favorita”, veiculada às 21h, de 02/06/2008 a 16/01/2009, de autoria de João Emmanuel Carneiro. Contudo, a assistência de outras telenovelas e programas midiáticos foi relevada e fundamental para análise e interpretação dos dados.

⁹ Os nomes dos entrevistados foram trocados como forma de proteção de sua privacidade.



Augusto, Célia e João, por mais que busquem rejeitar a velhice estigmatizada, confrontam-se freqüentemente em sua experiência cotidiana com situações de desrespeito, preconceito, maus tratos e perda de potencial aquisitivo. Os entrevistados não desejam ser velhos enquanto pessoas marcadas pela decrepitude física e social. Contudo, diante de seus contextos de vida e apesar de suas concepções da velhice enquanto sentimento, disposição e escolha, eles não conseguem afastar-se do estigma.

Nesse contexto, a telenovela surge – para todos os entrevistados – como um espaço no qual a questão da velhice estigmatizada adquire evidência. Todos percebem que o gênero retrata situações da velhice que remetem aos maus tratos, desrespeito e abandono, referindo-se constantemente a personagens e a temas tratados.

É no confronto que realizam entre os personagens e suas vivências cotidianas que percebemos algumas distinções marcantes. A questão do gênero dos entrevistados, enquanto homens e mulheres idosas, torna-se determinante em suas apropriações sobre as representações da velhice veiculadas pela telenovela.

Os receptores homens citam sem maiores dificuldades personagens que retratem com realismo a vida de um idoso. Já as receptoras não se identificam com as personagens idosas representadas na telenovela. Quando são personagens estigmatizados, trata-se de experiências que elas não vivenciam (Marisa) ou não desejariam vivenciar (Célia). Nesse sentido, vemos quão distintas são as vivências e representações de homens e mulheres idosas sobre a velhice, fato já apontado por alguns estudos (BRITTO DA MOTTA, 2004; DEBERT, 1999). Ser idoso ou jovem torna-se uma “[...] ‘situação’ vivida em parte, homoganeamente e, em parte, diferencialmente segundo o gênero e a classe social dos indivíduos de cada grupo etário” (BRITTO DA MOTTA, 2004, p. 202). Em relação aos homens e mulheres idosas, suas trajetórias de vida, enquanto construções sociais e culturais, determinam diferentes atitudes e representações em relação à condição de idoso(a).

O que não significa dizer que a situação de classe perde significado na análise. Observamos as classes sociais não enquanto categorias homogêneas e indiferenciadas. A idade e o gênero perpassam e articulam-se com as situações de classe dos entrevistados, conformando suas percepções sobre o que é ser idoso e suas apropriações das representações da velhice. Em consonância às proposições de Britto da Motta (2004), concluímos que uma análise da condição social contemporânea do idoso não pode ser realizada sem o conhecimento sobre as distinções de classe social e gênero, que constituem suas experiências e as dotam de sentidos específicos.



4. Considerações finais

As pesquisas acima relatadas partem de um objeto empírico comum – a telenovela – para compreender as apropriações que os receptores fazem das representações veiculadas pela mídia. A diversidade de contextos de recepção, de todo modo aliada a mediações comuns a todos os trabalhos, como classe (popular e alta), gênero (homens e mulheres) e geração (jovens camponeses, mulheres chefes de família e idosos de núcleos familiares e *coortes* distintas), nos encaminham para algumas conclusões.

Nos trabalhos, adquire evidência a importância do gênero, classe social e geração, cada qual com sua ênfase distinta, para a compreensão dos contextos dos receptores. Vemos, a partir do resgate dos estudos do campo, que há um esforço para ultrapassar o trato da classe social, gênero ou geração como meras variáveis de influência para a forma como as pessoas leem a mídia. Se essa querela já foi de certo modo superada pelos estudos alicerçados na mediação de classe social (tendo em vista a tradição marxista dos estudos culturais), trata-se ainda de uma questão a ser trabalhada no tocante às relações de gênero e à geração. Os três estudos acima expostos apontam diferenças importantes no modo como homens e mulheres apropriam-se das representações da telenovela. Para além de um indicador biológico ou demográfico, trata-se de entender como o universo cultural das receptoras e receptores interatua na dinâmica da recepção. Percebe-se que a educação sexista que está presente nas famílias acaba por limitar a percepção das entrevistadas a respeito das representações da mulher nas telenovelas, fazendo com que elas não se reconheçam como idosas, chefes de família ou camponesas. Há sempre um movimento no sentido de negar a condição da qual elas fazem parte.

Quando pensamos na geração, é possível perceber as distintas nuances que adquire em cada trabalho. Para os camponeses, a *coorte* geracional é definidora dos modos de apropriação: são jovens com vivências e faixa etária semelhantes, residentes na zona rural. Suas interpretações de geração sobressaem-se às suas posições de classe. Para as mulheres chefe de família, a mediação da geração é mais visível a partir de sua posição no núcleo familiar, em relação ao marido e filhos, e marcada fortemente pelas relações de gênero e pela situação de classe. Essa, assim como a geração, mostra-se fundamental no estudo de recepção com os idosos. Situados em *coortes* semelhantes, eles se diferenciam principalmente através da classe social. Sua situação enquanto



receptores de classe popular e alta alicerça a forma como eles se veem enquanto homens e mulheres e, por fim, a maneira como se apropriam das representações da velhice.

Vemos não ser possível considerar as mediações de classe social, geração e gênero enquanto autônomas: é em sua articulação e tensionamento que se torna possível problematizar de forma mais consistente o entorno através do qual a apropriação dos receptores adquire sentido. Como nos fala Britto da Motta (1999, p. 193)

A vida social é estruturada em conjuntos de relações que, em interface, ou articuladas dinamicamente, lhe dão sentido (ou ensejam ao analista entrever um sentido...). Os mais determinantes desses sistemas de relações são as classes sociais, os gêneros, as idades/gerações e as raças/etnias. Cada conjunto desses constitui-se, então, numa dimensão básica da vida social, mas nenhum deles, analisado isoladamente, dá conta da sua complexidade. Inclusive porque são aspectos co-extensivos, isto é, “recobrem-se parcialmente uma à outra”.

Referências bibliográficas

BARBIERI, Mirta. **Representaciones de lo femenino en los 90:** de madres e hijas, abuelas, tias y hermanas. Buenos Aires: Antropología, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos Pagu no. 13, Campinas, 1999, p. 191-221.

CHARLES, Mercedes. Espejo de Venus: una mirada a la investigación sobre mujeres y medios de comunicación. **Signo y Pensamiento**, n. 28, p.37-50, 1996.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marelene Neves; Cabeda, Sonia T. Lisboa; Prehn, Denise Rodrigues. **Gênero e cultura:** questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUC, 2004.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da Velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In Barros, Myriam Moraes Lins (org). **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DOMINGUES, José Maurício. **Gerações, modernidade e subjetividade coletiva**. Tempo soc. [online]. 2002, vol.14, n.1 ISSN 0103-2070.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais:** uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Os estudos de recepção e as relações de gênero:** algumas anotações provisórias. In: CIBERLEGENDA, <http://www.uff.br/mestcii>, n 7, 2002.



HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, p. 103-133, 2000.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JACKS, Nilda (coord); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: _____. (Org.). **Telenovela**. Internacionalização e Interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004. p. 121-137.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

MATTOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, Jessé. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Prefácio. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

NATANSOHN, L. Graciela. Representações de sexo/gênero: uma questão pendente nos estudos de comunicação. In: **XV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador: Intercom/UFBA, 2002.

PEREIRA, Verbena L. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, Marelene Neves; Cabeda, Sonia T. Lisboa; Prehn, Denise Rodrigues. **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUC, 2004.

QUADROS, Waldir J. de; ANTUNES, Davi J. N. Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa. **Cadernos do CESIT**, n. 30, out. 2001.

RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.